

Comunicação, Mídias e Educação

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen
(Organizadora)

/Promotion
/Research
/Business
/Development
/Engineering
/Manufacturing
/Planning

Atena
Editora
Ano 2019

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen

(Organizadora)

Comunicação, Mídias e Educação

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C741	Comunicação, mídias e educação [recurso eletrônico] / Organizadora Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-344-6 DOI 10.22533/at.ed.446192205 1. Aprendizagem. 2. Comunicação – Pesquisa – Brasil. 3. Comunicação na educação. I. Hrenechen, Vanessa Cristina de Abreu Torres. CDD 371.1022
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Essa obra reúne um conjunto de pesquisas sobre as novas tecnologias e técnicas aplicadas à comunicação. O compilado de artigos traz contribuições relevantes para a comunidade científica e profissionais da área.

O e-book, composto por 36 artigos, apresenta diálogos contemporâneos e reflexões sobre o papel da comunicação nos mais diversos âmbitos. Estudos analisam o uso das novas mídias na educação e avaliam a convergência dos meios na partilha de informações e aprendizagem em conjunto. Pesquisas também retratam o consumo midiático, culturas comunicacionais e as manifestações no espaço urbano.

Há artigos sobre o ambiente *comunicacional* digital e o impacto das novas tecnologias na sociedade. Autores também discutem as discrepâncias entre as visões de mundo dos jornalistas e dos usuários de redes sociais e o papel dos meios de comunicação na representação da realidade. O volume traz pesquisadores de peso que compartilham conhecimento e estimulam novos estudos na área da comunicação.

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
OS PRIMEIROS PASSOS DO MUSEU DE GEOCIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA (MUGEO): HISTÓRICO E ACERVO	
Lena Simone Barata Souza Ezequias Nogueira Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.4461922051	
CAPÍTULO 2	16
CARTOGRAFÍA DIGITAL INTERACTIVA DE LO PATRIMONIAL: DEL RELATO AL “DATO” Y VICEVERSA	
Liliana Fracasso David Aperador Francisco Cabanzo	
DOI 10.22533/at.ed.4461922052	
CAPÍTULO 3	33
A UTILIZAÇÃO DE MAQUETES E IMAGENS TÁTEIS COMO IMPULSIONADORAS DO APRENDIZADO PARA CEGOS E PESSOAS COM BAIXA VISÃO NAS GEOCIÊNCIAS	
Loruama Geovanna Guedes Vardiero Rodson Abreu Marques Tamires Costa Velasco Matheus Gomes Fanelli Jeruza Lacerda Benincá Barbosa Sandro Lúcio Mauri Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.4461922053	
CAPÍTULO 4	45
REPRESENTAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NA TV: UMA ANÁLISE DA SÉRIE “SOBRE RODAS” COM O PARATLETA FERNANDO FERNANDES	
Antonio Janiel Ienerich da Silva Henrique Alexander Grazi Keske	
DOI 10.22533/at.ed.4461922054	
CAPÍTULO 5	62
ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS DA EXPERIÊNCIA NARRATIVIZADA: AS REDES SOCIAIS COMO LUGAR DE FALA PARA SUJEITOS QUE CONVIVEM COM O AUTISMO	
Igor Lucas Ries	
DOI 10.22533/at.ed.4461922055	
CAPÍTULO 6	74
DISCURSO CIENTÍFICO E DISCURSO ACADÊMICO: SOBRE UM POSSÍVEL GESTO POLISSÊMICO DE LEITURA	
Bianca Queda Costa Solange Maria Leda Gallo	
DOI 10.22533/at.ed.4461922056	

CAPÍTULO 7	78
PARSER E LEITURA AUTOMATIZADA DE CURRÍCULOS DA PLATAFORMA LATTES PARA EXTRAÇÃO DE INDICADORES ACADÊMICOS E TECNOLÓGICOS	
Fernando Sarturi Prass Franklin Matheus Boijink Alexandre de Oliveira Zamberlan	
DOI 10.22533/at.ed.4461922057	
CAPÍTULO 8	96
ANOTAÇÕES SEMÂNTICAS EM REPOSITÓRIOS ACADÊMICOS:UM ESTUDO DE CASO COM O RI UFBA	
Aline Meira Rocha Lais do Nascimento Salvador Marlo Vieira dos Santos e Souza	
DOI 10.22533/at.ed.4461922058	
CAPÍTULO 9	113
CONTEÚDO AUDIOVISUAL DO CURSO DE PEDAGOGIA SEMIPRESENCIAL DA UNESP/UNIVESP	
Dayra Émile Guedes Martínez José Luís Bizelli	
DOI 10.22533/at.ed.4461922059	
CAPÍTULO 10	120
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: APRENDIZAGEM EM REDE	
Daiane de Lourdes Alves Ângela Cutolo	
DOI 10.22533/at.ed.44619220510	
CAPÍTULO 11	132
DESAFIOS DA TUTORIA EM EAD E ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA: UM ESTUDO DE CASO	
Tamara de Lima Lorayne de Freitas Santos	
DOI 10.22533/at.ed.44619220511	
CAPÍTULO 12	143
CONSTRUÇÃO COLABORATIVA DE CONHECIMENTO – VIVENCIANDO EXPERIÊNCIAS COM A METODOLOGIA ATIVA	
Reyla Rodrigues Ribeiro Levy Silva Ribeiro Bruno Bernardes de Menezes Raquel Aparecida Souza	
DOI 10.22533/at.ed.44619220512	

CAPÍTULO 13	154
MATHQUIZ: UM JOGO EDUCATIVO PARA DISPOSITIVOS MÓVEIS	
José Marcelo Silva Santiago Monck Charles Nunes De Albuquerque Francisco Ranulfo Freitas Martins Junior Fernanda Kécia De Almeida Yuri Soares De Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.44619220513	
CAPÍTULO 14	165
A MÍDIA COMO VERTENTE INTERDISCIPLINAR DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA DO ADOLESCENTE EM LIBERDADE ASSISTIDA	
Sebastião Jacinto dos Santos João Clemente de Souza Neto Marcos Júlio Sergi	
DOI 10.22533/at.ed.44619220514	
CAPÍTULO 15	180
EDUCAÇÃO VISUAL: DESENVOLVIMENTO GRÁFICO DE FASCÍCULOS COM CONTEÚDO DIDÁTICO	
Caroline de Cerqueira Medeiros Fabiola Arantes de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.44619220515	
CAPÍTULO 16	194
CULTURA VISUAL E IDENTIDADE DOS ALUNOS DO CAP-UERJ	
Christiane de Faria Pereira Arcuri	
DOI 10.22533/at.ed.44619220516	
CAPÍTULO 17	205
JUVENTUDES INTERIORANAS: ESTUDANTES DE PUBLICIDADE E SUAS MANEIRAS DE COMUNICAR	
Renata Valeria Calixto de Toledo	
DOI 10.22533/at.ed.44619220517	
CAPÍTULO 18	215
FARTURA TRAZ ALEGRIA! O FUNK OSTENTAÇÃO E AS SUBJETIVIDADES JOVENS	
Juliana Ribeiro de Vargas	
DOI 10.22533/at.ed.44619220518	
CAPÍTULO 19	227
REPRESENTATIVIDADE E GÊNERO NAS PRODUÇÕES MIDIÁTICAS: DILEMAS E APROXIMAÇÕES	
Ariana Grzegozeski Schneider Márcio Giusti Trevisol	
DOI 10.22533/at.ed.44619220519	
CAPÍTULO 20	238
A AUTOACEITAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE A PARTIR DE UM CASO REAL	
Bruno Filipe Griebeler	
DOI 10.22533/at.ed.44619220520	

CAPÍTULO 21	254
A PERFORMANCE ENQUANTO FLUXO DE COMUNICAÇÃO NA MODA	
Antonio Cimadevila Ione Maria Bentz	
DOI 10.22533/at.ed.44619220521	
CAPÍTULO 22	266
A MIDDLEWARE PERSPECTIVE FOR INTEGRATING GINGA-NCL APPLICATIONS WITH THE INTERNET OF THINGS	
Danne Makleyston Gomes Pereira Francisco José da Silva e Silva Carlos de Salles Soares Neto Álan Lívio Vasconcelos Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.44619220522	
CAPÍTULO 23	280
UMA ABORDAGEM PARA O DESENVOLVIMENTO E ANÁLISE DE DESEMPENHO DO RECONHECIMENTO OFF-LINE DE VOZ CONTÍNUO	
Lucas Debatin Aluizio Haendchen Filho Rudimar Luís Scaranto Dazzi	
DOI 10.22533/at.ed.44619220523	
CAPÍTULO 24	297
INVESTIGAÇÃO ONTOLÓGICA DA OBRA DE ARTE DIGITAL: LINGUAGEM UBÍQUA, MODELO DE DOMÍNIO E PROGRAMAÇÃO VOLTADA PARA AS ARTES VISUAIS	
Teófilo Augusto da Silva Claudio de Castro Coutinho Filho Carlos Tiago Machel da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.44619220524	
CAPÍTULO 25	306
A INFLUÊNCIA DA TRIDIMENSIONALIDADE NA NARRATIVA ANIMADA: <i>FROZEN</i> E O USO DA ESTEREOSCOPIA	
Paula Poiet Sampedro Danilo César Granatto Leonardo Antonio de Andrade Antonio Henrique Garcia Vieira Carolina Lourenço Reimberg de Andrade Felipe Contartesi	
DOI 10.22533/at.ed.44619220525	
CAPÍTULO 26	317
UMA NARRATIVA PROCEDURAL DENTRO DO UNIVERSO FICCIONAL DA DC COMICS	
Leonardo Antonio de Andrade Felipe Contartesi Antonio Henrique Garcia Vieira Carolina Lourenço Reimberg de Andrade Paula Poiet Sampedro Danilo César Granatto	
DOI 10.22533/at.ed.44619220526	

CAPÍTULO 27	332
FINAL FANTASY XV: A NOVA APOSTA MULTIPLATAFORMA DA FRANQUIA	
Maria Tereza Batista Borges	
Mirna Tonus	
DOI 10.22533/at.ed.44619220527	
CAPÍTULO 28	339
PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO EM JOGOS VIRTUAIS: UM ESTUDO SOBRE CORPO E ESTRATÉGIA NO JOGO <i>LEAGUE OF LEGENDS</i>	
Cíntia Oliveira Demaria	
Márcia Stengel	
Valéria Freire de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.44619220528	
CAPÍTULO 29	352
GAMEPÓLITAN: UMA ANÁLISE DAS OPORTUNIDADES DE COMUNICAÇÃO, UTILIZANDO-SE DO E-SPORT COMO FERRAMENTA DE ENGAJAMENTO	
Luana Britto Silva Vieira	
Marta Cardoso de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.44619220529	
CAPÍTULO 30	368
MÍDIAS DIGITAIS E O SITE DO COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL	
Carlos Augusto Tavares Junior	
DOI 10.22533/at.ed.44619220530	
CAPÍTULO 31	410
HOMOGENEIDADE E ENDOGENIA NOS INTERESSES DE JORNALISTAS DESCONECTAM VALOR NOTÍCIA E POPULAÇÃO	
Ana Maria Brambilla	
DOI 10.22533/at.ed.44619220531	
CAPÍTULO 32	425
O ENQUADRAMENTO DO <i>IMPEACHMENT</i> DA PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF (PT) NAS REVISTAS <i>VEJA</i> E <i>CARTA CAPITAL</i>	
Carla Montuori Fernandes	
Eduardo Matidios Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.44619220532	
CAPÍTULO 33	437
PARTICIPAÇÃO E MÍDIA: UM DEBATE SOBRE A HEGEMONIA DISCURSIVA DO CAPITALISMO	
Michele Luciane Blind de Moraes	
Tulainy Parisotto	
DOI 10.22533/at.ed.44619220533	
CAPÍTULO 34	449
REPRESENTAÇÕES SOBRE A AMAZÔNIA BRASILEIRA: UM ESTUDO SOBRE O DOCUMENTÁRIO <i>O ACRE EXISTE</i>	
Daya de Kassia Pinheiro Campos	
Francielle Maria Modesto Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.44619220534	

CAPÍTULO 35	459
PARÂMETROS DE PRODUÇÃO DE CONTEÚDO RADIOFÔNICO SOBRE SAÚDE PARA CRIANÇAS DE SEIS A DEZ ANOS	
Diana Diniz de Jesus	
Daniela Pereira Bochembuzo	
DOI 10.22533/at.ed.44619220535	
CAPÍTULO 36	473
SOCIEDADE CIVIL ATIVA NA MEDIAÇÃO DAS RELAÇÕES DO MERCADO PUBLICITÁRIO COM O PÚBLICO INFANTIL	
Marcos José Zablonsky	
Natally Navarro Encinas Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.44619220536	
SOBRE A ORGANIZADORA	490

CAPÍTULO 18

FARTURA TRAZ ALEGRIA! O FUNK OSTENTAÇÃO E AS SUBJETIVIDADES JOVENS

Juliana Ribeiro de Vargas

Universidade Luterana do Brasil, PPGEDU
Canoas - RS

RESUMO: O presente estudo visa analisar e problematizar discursos visibilizados por músicas filiadas ao gênero musical *funk* e sua operacionalização na constituição de subjetividades em um grupo de jovens alunas, com idades entre treze e quinze anos, estudantes de uma escola pública localizada na periferia de Porto Alegre (RS). Tais discursos foram reiterados pelas mídias musicais acessadas pelas estudantes por meio de seus aparelhos celulares e por suas próprias narrativas acerca das temáticas evidenciadas nas referidas mídias. Em consonância com as teorizações dos Estudos Culturais, dos Estudos de Feministas e de Gênero, em uma abordagem pós-estruturalista, entendo que os discursos operam sobre a constituição de subjetividades de tais alunas e, por conseguinte, na (re)produção dos modos de viver a feminilidade na atualidade. Como estratégias metodológicas, também utilizei a análise das mídias musicais armazenadas pelas alunas em seus aparelhos celulares; dos grupos de discussão organizados com as referidas estudantes, e, ainda, de estratégias de observação de seu cotidiano no meio escolar. Compreendo que esta investigação, mais do

que visibilizar e problematizar os modos sobre os quais jovens contemporâneas conduzem suas condutas, visa contribuir para organização de diferenciadas práticas pedagógicas nas instituições escolares, a partir do conhecimento das práticas de vida das jovens na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Culturais; Gênero; Discurso; Música; Juventudes.

ABSTRACT: This study aims to analyze and discuss discourses visible by music of the genre known, in Brazil, as *funk* and its operationalization in the subjectivities constitution in a group of young students, aged thirteen and fifteen, who are students from a public school located on the outskirts of Porto Alegre (RS). Such speeches were reiterated by the musical media accessed by students through their mobile devices and their own narratives about the issues highlighted in these media. It should be stressed that, the young people of this study listened and shared their favorite songs on their mobile handsets, often in the midst of classroom activities. In accordance with the theories of Cultural Studies, of Feminist and Gender Studies, in a post-structuralist approach, I understand that discourses operate on the constitution of subjectivities of such students, consequently on the (re) production of the modes of living femininity today. As methodological strategies, I also used the analysis of musical media stored

by the students in question on their handsets; discussion groups organized with these students, and still, observation strategies on their school daily life. I understand that this research, more than visualize and problematize the modes on which contemporary young people lead their conduct, aims to contribute to the organization of differentiated teaching practices in schools, from the knowledge of the young people living practices today.

KEYWORDS: Cultural Studies; Gender; Discourse; Music; Youths

Área vip, whisky, no camarote só as top de elite
No baile (HAHA), nós porta o kit
Tem Hollister e Abercrombie Fitch
Meninas solteiras o baile é de vocês
Vem dançando uma de cada vez.
(Rolê da Haybusa- Mc Dedé)

Os versos em destaque referem-se à música *Rolê* da *Haybusa*, listada entre as músicas mais escutadas por um grupo de estudantes de uma escola pública localizada na periferia de Porto Alegre (RS). Como pode-se observar, o consumo e a visibilidade excessiva de determinados itens, a exemplo dos automóveis, das motos e dos objetos de adorno de determinadas marcas como *Hollister* e *Abercrombie Fitch* são evidenciados como práticas de sedução e de conquista, protagonizadas por homens jovens. Conforme destaca a música, um homem que ostenta um *kit*, compreendido como uma combinação de bebidas (dez latas de energéticos e uma garrafa de vodka) e bebe whisky em um local privilegiado de uma festa (o camarote), torna-se extremamente interessante às mulheres do local. Frente a essa descrição, vale questionar: estarão as jovens da atualidade, principalmente aquelas apreciadoras do estilo *funk* ostentação, dirigindo seus relacionamentos de amizade e de afeto para homens que possam lhes oferecer “um espaço no camarote?”

O presente estudo, recorte de uma investigação mais ampla, pretende visibilizar e problematizar a operacionalidade de determinados discursos na constituição de subjetividades de um grupo de jovens alunas contemporâneas e, por conseguinte, na (re)produção de formas de viver a feminilidade na atualidade. Tais discursos eram evidenciados em músicas associadas ao gênero contemporaneamente conhecido como *funk* ostentação, o qual era apreciado pelo grupo de alunas em questão. Vale destacar que as referidas alunas escutavam e compartilhavam tais músicas através de seus aparelhos celulares, muitas vezes em meio às atividades de sala de aula, não acatando assim a legislação vigente que proíbe o uso de tais aparatos nas escolas da rede de ensino da qual fazem parte.

Os campos teóricos dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero, em vertente pós-estruturalista e também as teorizações de Michel Foucault, selecionados para subsidiar este estudo, permitem o aprofundamento da temática de análise. Em consonância com tais campos, compreendo os sujeitos como constituídos e

diferenciados discursivamente, segundo as condições de possibilidades de distintos contextos históricos e sociais. Logo, as jovens contemporâneas estudadas estariam sendo subjetivadas de distintos modos em suas possibilidades de vida e, desta forma, constituiriam suas feminilidades frente aos diferentes discursos que as atravessam. Vale referir que entendo os processos de constituição das subjetividades das alunas jovens como implicados nas formas que essas elencam para vivenciar a feminilidade na contemporaneidade, uma vez que “os modos de subjetivação, são, precisamente, as práticas de constituição dos sujeitos” (CASTRO, 2009, p. 408).

A partir da perspectiva dos Estudos Culturais é possível compreender as manifestações significativas para os distintos grupos sociais, tal como as músicas escutadas pelas alunas, como produções culturais e ainda, como ações comunicativas/identitárias dos grupos sociais nos quais as jovens alunas transitam, uma vez que tais músicas eram compartilhadas entre as elas através da internet e/ou, pela tecnologia *bluetooth*. Já os Estudos de Gênero, ao deslocarem o foco de análise dos comportamentos de homens e mulheres como originários unicamente de categorizações biológicas para o entendimento dos mesmos como relacionados às construções históricas sociais, fomenta modos diferenciados de descrição e análise de tais sujeitos (LOURO, 1997). Sob tal perspectiva, gênero é compreendido como um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos (SCOTT, 1995). Teresa de Lauretis (1994) compreende gênero para além das diferenças sexuais, pois para autora também essas não são universais, tão pouco articuladas em razão de essências ditas únicas. Alinhada às ideias de Foucault sobre a constituição do sujeito a partir das práticas de subjetivação, a referida autora pontua a potencialidade de pensar o conceito de gênero como também uma tecnologia, produto de práticas discursivas.

Vale referir que o material empírico deste estudo decorre de metodologias de investigação qualitativas de cunho etnográfico, tais como observações participantes e registros em diário de campo. Também foram realizadas análises dos arquivos musicais armazenados nos cartões de memória dos celulares das citadas estudantes e alguns destes arquivos foram problematizados com as alunas em grupos de discussão os quais denominamos *Rodas de Conversa*.

Segundo Wivian Weller (2013), a referida metodologia permite abranger situações de diálogo entre os participantes, as quais não visam, efetivamente, à concordância, mas a percepção sobre as opiniões e pontos de vista de cada um. Dessa forma, é a interação entre os participantes a característica que proporciona “força metodológica” ao grupo de discussão, como também reforça Javier Callejo (2001) ao apontar que há nos grupos de discussão a ênfase na interação de grupo, aspecto para mim importante, uma vez que as alunas sentiram-se a vontade para falar sobre o que pensavam a respeito das músicas que mais escutavam. Dessa forma, compartilho com Carla Beatriz Meinerz (2011, p. 486) o entendimento de que a metodologia do grupo de discussão abre a possibilidade de escuta sensível, que não se fundamenta apenas em

rigores teóricos para sua realização, uma vez que tal escuta é dependente da postura “política, afetiva e ética do pesquisador”. Compreendo assim que tais metodologias potencializam análises sobre a constituição das subjetividades dos estudantes na contemporaneidade e, por conseguinte, na constituição das masculinidades juvenis contemporâneas.

A partir de tais metodologias, foi possível verificar que algumas alunas armazenavam mais de trezentos arquivos musicais em seus celulares. O elevado número de registros musicais (mais de uma centena) e a prevalência do *funk* como estilo musical presente na maioria dos cartões de memória analisados foram aspectos que chamaram a atenção. Vale referir que tais mídias circulavam entre as alunas através da tecnologia *bluetooth*, ou ainda por programas de acesso e transferência do conteúdo da *web* para artefatos tais como computadores e celulares. É possível pensar que semelhante aos chamados diários de outros tempos, os aparelhos de celular prestam-se, nos tempos atuais, ao registro de memórias/vivências das jovens alunas, uma vez que imagens e músicas que remetem aos amigos, aos amores e aos ídolos ficam registradas nos cartões de memória de cada aparelho. Seriam seus cartões de memória como diários digitais contemporâneos, nos quais as jovens alunas registram, constituem e são subjetivadas na sua existência. Contudo, é importante pontuar a provisoriedade e a flexibilidade que tal recurso comporta, uma vez que cada aluna pode possuir mais de um cartão de memória e também, apagar ou registrar ‘novas memórias’ no mesmo. Entendo assim, que os registros de tais alunas constituam memórias fragmentadas, distantes da ideia de totalidade e continuidade, como afirma Bauman (2001).

Como procedimento de delimitação dos discursos analisados, busquei interrogar como os mesmos eram constituídos como verdades e interpelavam as alunas desta investigação (FISCHER, 2003) operando sob a subjetividade das mesmas. Fischer (2003) refere sobre a questão:

Foucault afirma que a palavra, o discurso, enfim, as coisas ditas não se confundem com meras designações: palavras e coisas para ele têm uma relação extremamente complexa, justamente porque são históricas, são construções, interpretações; jamais fogem a relações de poder; palavras e coisas produzem sujeitos, subjetividades, modos de subjetivação. (FISCHER, 2003, p. 373)

Apresento a seguir considerações acerca de um ideário de feminilidade, problematizando-o através das perspectivas teóricas elencadas. Posteriormente, destaco algumas características do gênero *funk* ostentação buscando visibilizar discursos sobre gênero, sexualidade e consumo evidenciados em tais músicas. Encerro este estudo com a certeza de que outros discursos poderiam ser problematizados na procura de visibilidade para dimensões ainda pouco estudadas no que se refere à constituição da juventude feminina.

Um homem para lhe dar condição: discursos constituindo modos de ser mulher

Amélia não tinha a menor vaidade.

Amélia é que era mulher de verdade

(Aí, que saudades da Amélia, Mario Lago e Ataulfo Alves)

Mario Lago e Ataulfo Alves apresentavam, nos anos de 1940, a mulher de verdade como aquela que apoiava seu companheiro em todas as dificuldades do cotidiano e que ainda, não exercia a vaidade. Também na canção *Marina*, de Dorival Caymmi, composta na mesma década (1947), também acaba por destacar a simplicidade, a ausência de vaidade como uma característica a ser apreciada nas mulheres. A mulher cantada de Caymmi não precisaria maquiar-se pois *já era bonita com o que Deus lhe deu!*

Autores que problematizam a história das mulheres, tais como Del Priore (1997), Louro (1997), Perrot (2007) demonstram, através de seus estudos, que determinadas características tais como o amor incondicional, a paciência constante, o recato e a simplicidade foram características estimuladas, ao longo dos tempos, nas sociedades ocidentais, a fim de naturalizar alguns comportamentos como formas adequadas para o ser mulher. Exemplo dessa afirmação pode ser percebido na associação dos comportamentos femininos à história de personagens bíblicas como Eva (a pecadora) e Maria (a submissa), as quais subsidiaram formas adequadas e inadequadas para a conduta das mulheres (Del Priore, 1997). É possível compreender também, de acordo com as ideias de Michel Foucault (2005), que tais discursos tenham se estabelecido como regimes de verdade nas diversas sociedades.

A verdade, como afirma Foucault (2005), está centrada na forma do discurso científico, é difundida amplamente e circula nos aparelhos de educação e de informação. Pode-se pensar na potencialidade do conceito de verdade quando Foucault (1995, p.13) afirma que, por verdade, se entende “[...] o conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder.” Desta forma, se determinadas características foram associadas às mulheres, a partir de discursos específicos de cada sociedade, é possível inferir que estes funcionaram – e ainda funcionam – como verdades sobre as mulheres. Vale destacar ainda que, segundo Foucault (2009) o poder, a produção da verdade (constituída através do exercício do poder) e a subjetividade são elementos relacionados no processo de condução de condutas dos indivíduos. Maria Manuela Garcia (2002) corrobora o referido autor ao pontuar que as subjetividades são objetos de poder, “produtos de maquinações, de saberes e de técnicas que incluem ativamente os seres humanos num campo de visibilidade, atribuindo-lhes certas características e padrões de desenvolvimento” (GARCIA, 2002, p. 31).

A verdade, o poder e a conduta individual dos sujeitos foram preocupações

pertinentes para o referido autor e nenhum desses domínios poderia ser analisado de modo isolado, pois “[...] esses três grandes domínios da experiência só podem ser entendidos uns em relação aos outros, e não podem ser compreendidos uns sem os outros” (FOUCAULT, 2010, p. 253).

Pode-se afirmar que discursos diversos permitiram que mulheres fossem queimadas na Europa em fogueiras e, em outros tempos, fossem descritas como histéricas. Foram verdades instituídas sobre as mulheres que constituíram uma proposta de educação feminina a qual, até o século XIX, afastava as mulheres da instrução. As mulheres deveriam ser *mais educadas do que instruídas* e capazes de desempenhar os papéis futuros de dona de casa, esposa e mãe (PERROT, 2007). A partir de tal premissa, configura-se como natural pensar que alunas devam ser calmas, meigas e contidas e aquelas que difiram desse perfil, acabem descritas como anormais ou diferentes (WALKERDINE, 1995).

Esse é bonde das minas que andam no ouro: discursos do funk ostentação

Bota o dedo pro alto, deixa os homens loucos
Esse é o bonde das minas que andam no ouro
Gosto de ostentar e essa é a minha vida
Mulher do Poder, é assim que eu sou conhecida

(Mulher do Poder- Mc Pocachontas)

Encontradas na totalidade dos cartões de memória das alunas investigadas, as músicas relacionadas ao *funk* ostentação são apreciadas por grande parte dos jovens (e até mesmo das crianças) nos tempos atuais. Vale destacar que mesmo aquelas alunas que afirmavam “não gostar muito” de *funk*, tinham arquivos musicais de tal estilo, fato que corrobora com as seguintes ideias: a) O grande número de arquivos armazenados era o que mais importava às alunas; b) A troca de arquivos musicais pela tecnologia *bluetooth* constitui-se como uma das formas de socialização entre as alunas deste estudo. Entendo, de modo semelhante a Dayrell, (2001) que o consumo cultural tornou-se ferramenta importante para as trocas sociais.

A popularização do referido estilo musical é também uma dimensão a ser considerada. A forte presença do *funk* em nossa sociedade, em especial do estilo ostentação, pode ser percebida nas trilhas sonoras de novelas de grande audiência, na presença de artistas do gênero, a exemplo da *Mc Pocachontas*, em programas de televisão e também pelos numerosos shows que os artistas realizam mensalmente. Sobre a popularização do *funk*, vale destacar as palavras do *DJ Malboro*, um dos percussores do estilo no Brasil: “É a verdadeira Música Popular Brasileira, a MPB, [...]. Acho que não existe nada hoje no Brasil que tenha tanta força ou que seja ligado de um modo tão verdadeiro ao que as pessoas pensam como o *funk*”. (DJ Malboro - PLATT e NEATE, 2008, p.85).

Segundo Dayrell (2002) o *funk*, assim como o *rap* tem sua origem na música

negra norte-americana, a qual incorporou sonoridades africanas, baseadas, segundo o referido autor, no ritmo e na tradição oral. É interessante referir as condições de emergência do gênero *funk* na sociedade brasileira. De um modo geral tal ritmo musical é associado às classes sociais de menor poder aquisitivo e, por conseguinte, com uma suposta menor possibilidade de aquisição de bens de consumo. Segundo Michael Herschmann (2005), apesar de ter sido visibilizado na década de 1970 na conhecida casa de espetáculo Canecão, o *funk* encontrou o seu espaço posteriormente nos bairros dos subúrbios cariocas. Nos tempos atuais, é possível afirmar que o referido gênero é produzido/consumido por “diversos grupos e segmentos sociais, e pela indústria cultural em geral.” (HERSCHMANN, 2005, p. 73).

Já as músicas relacionadas o *funk* ostentação traçam, em sua maioria, narrativas acerca dos “benefícios” que o acúmulo de bens e de patrimônio proporciona aos homens jovens: a companhia de belas mulheres e a elevação de um *status* frente aos demais. O mesmo estilo musical apresenta músicas que descrevem os desejos femininos como unicamente relacionados à vaidade e à beleza. Nas canções, tais desejos são atendidos, de um modo geral, por homens que pagam às mulheres o que elas querem. Os relacionamentos afetivos também são organizados a partir da mesma lógica; mulheres namoram homens que “bancam” tudo o que elas desejam.

A música *Onde eu chego eu paro tudo*, interpretada pelo *Mc Boy* do Charmes, exemplifica as afirmações anteriores. Inspiração para o título desse texto, tal música descreve o uso de uma série de artefatos de vestuário e embelezamento de valor extremamente elevado, de marcas como Dior, Lacoste, Armani, Oakley e Hilfinger, como fator que possibilitaria aos homens encantar, seduzir e compartilhar da companhia de belas mulheres. O uso de adornos como cordões e correntes de ouro e ainda, a propriedade de carros e motos de valor elevado também são destacados pela música referida como ações potenciais para a elevação do *status* de quem os usa. A versão audiovisual (videoclipe) desta e de outras semelhantes visibilizam homens jovens cercados de belas mulheres e ostentando os artigos de luxo como os citados. A seguir, apresento excertos da música que evidenciam as afirmações.

Onde eu chego eu paro tudo
A mulherada entra em pane
Meu cordão é um absurdo
Meu perfume é da Armani[...]

Pick-up cabine dupla
Jet na carroceria
Correria traz fartura
Fartura traz alegria
E no meu vocabulário
Não existe economia
Nós investe no poder

E usufrui da putaria (**Onde eu chego eu paro tudo- McBoy do Charmes**)

Em determinados versos da música *Onde eu chego eu paro tudo*, é possível pensar que o uso de artefatos de marcas de grife e de automóveis caros seja propiciado pela prática de atividades ilícitas, tais como roubos e furtos. Refiro-me aqui, especificamente, aos versos “*correria traz fartura, fortuna traz alegria*” e “*nós investe no poder e usufrui da putaria*”. No ambiente da periferia é de conhecimento geral que “aqueles que fazem correria” são os sujeitos envolvidos em práticas ilícitas, a exemplo do tráfico de drogas e do comércio de máquinas caça-níqueis.

De modo semelhante ao exposto pela música *Onde eu chego eu paro tudo*, a música *Rolê da Haybusa*, de Mc Dedé também visibiliza a relação entre popularidade e consumo de caros artefatos de vestuário (a exemplo de roupas Hollister e Abercrombie & Fitch), tal como podemos observar no recorte da mesma:

Área vip, whisky, no camarote só as top de elite
No baile (HAHA), nós porta o kit
Tem hollister e abercrombie fitch
Meninas solteiras o baile é de vocês
Vem dançando uma de cada vez (Rolê da Haybusa - Mc Dedé)

Ao problematizar com as alunas a relação dos artefatos de consumo descritos em ambas as músicas e a real possibilidade financeira de serem adquiridos, as mesmas destacaram a realização de atividades ilícitas como meio para a conquista de tais bens, como é possível visualizar em suas falas:

Pesquisadora: Haybusa é uma moto caríssima! Vocês acham que os caras que cantam essas músicas têm dinheiro para comprar?

Isabelly: Têm! Porque eles invadem o lugar e “pegam” né?

Pesquisadora: E as gurias vão querer andar com os caras de Haybusa ou com os demais caras?

Amanda, Isabelly e Cintia: De Haybusa!

Amanda: Mas tu achas que os que têm Haybusa conseguem comprar Haybusa como? Vendendo droga!

Isabelly: É patrão! Eles são patrão!

Já *Mc Pocachontas* acaba por ser descrita pelas alunas como exemplo de beleza e performance artística. Todas querem ser *Mc Pocachontas*! É interessante destacar que o fato de um homem financiar seus desejos e vontades, como a artista descreve na música, não chega a entendido como um problema para as alunas. Tais ideias são visibilizadas por suas falas:

Amanda: Mc Pocachontas! Eu gosto muito!

Isabelly: Ah, eu amo ela! Ela não é bagaceira, e ela é linda!

Julia: Ela é linda! E eu gosto das músicas dela!

Evillyn: Ela é linda e as músicas dela são legais! Eu acho ela a *Mc* mais bonita que

tem!

Pesquisadora: E por isso que tu gostas dela? Tu querias ser ela?

Evillyn: Ah, eu queria! Imagina “sora”! Tirar foto lá, naqueles carrões!

Na contemporaneidade, através da participação em programas de TV ou ainda em outros eventos promocionais, alguns indivíduos de condição de vida simples, sem muitos recursos materiais, transformam-se em fenômenos da mídia rapidamente. E, em poucos meses, muitos acabam por usufruir de um sucesso repentino, conquistando uma melhor condição financeira que lhes possibilita a aquisição de bens de valor elevado, a exemplo dos artistas do *funk ostentação*. Embora, na visão de seus intérpretes, tais músicas retratem possibilidades de vida a serem alcançadas pela população de periferia, é válido problematizar de que modo tais possibilidades poderiam ser efetivadas.

Em certa medida, é possível pensar que as músicas alinhadas com o *funk ostentação* visibilizem a ideia de Zigmund Bauman (2005) de que, na contemporaneidade, o mundo configura-se como um palco de performances, no (e do) qual somos consumidores de bens de consumo, de bens culturais e até mesmo de relacionamentos. Como afirma Bauman, as sociedades contemporâneas padecem da *síndrome consumista*, na qual os desejos e anseios pelos bens materiais devem ser atendidos de forma quase imediata. Nas palavras do autor, tal síndrome envolve a “[...] enfática negação da virtude da procrastinação e da possível vantagem de se retardar a satisfação [...] encurta radicalmente a expectativa de vida do desejo e a distância temporal entre este e a sua satisfação, assim como entre a satisfação e o depósito de lixo” (BAUMAN, 2008, p. 111). Também as palavras de Dayrell (2002, p. 124) são profícuas para a problematização:

Vivemos no Brasil uma situação paradoxal. Nas últimas décadas vem ocorrendo uma modernização cultural, consolidando uma sociedade de consumo, ampliando o mercado de bens materiais e simbólicos, mas que não é acompanhada de uma modernização social. Assim, os jovens pobres inserem-se, mesmo que de forma restrita e desigual, em circuitos de informações, por meio dos diferentes veículos da mídia, e sofrem o apelo da cultura de consumo, estimulando sonhos e fantasias, além dos mais variados modelos e valores de humanidade.

É preciso escutar (mais): à guisa de conclusão

[...] eu acho que discursos, na verdade, habitam corpos. Eles se acomodam em corpos; os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue (Judith Butler, 2002, p. 163)

As palavras de Butler (2002) são profícuas para pensar como os diferentes discursos, a exemplo daqueles elencados neste estudo, acabam por constituir distintos modos de ser uma jovem aluna na contemporaneidade. O próprio conceito de juventude remete a ideia de categoria plural, fato que a afasta de um modo único

para descrevê-la e contextualizá-la (GARBIN, 2009). Contudo, na atualidade, certas características tais como beleza, espontaneidade, vitalidade e versatilidade acabam por ser naturalmente associadas à condição juvenil, exaltadas por diversos discursos circulantes em nossa sociedade, a exemplo do discurso midiático e do discurso médico.

Lisiane Santos (2006), pesquisadora que investigou a relação entre a constituição de identidades juvenis de estudantes secundaristas e as práticas culturais atreladas às músicas escutadas pelos mesmos, vale-se das ideias de Simon Frith (1997), a fim de pontuar que as músicas não devem ser compreendidas como espelhos que refletiriam manifestações dos povos, das culturas, mas sim, como produtoras de sujeitos, de experiências. Logo, “[...] a música também seria uma possibilidade de experiência do indivíduo com ele próprio”. (SANTOS, 2006, p.23). Concordando com essa premissa, acredito que as experiências musicais vivenciadas pelas alunas jovens desta pesquisa constituam-se, também, como modos de subjetivação, os quais (re)produzem distintas formas de vivenciar a feminilidade, nos tempos contemporâneos

A respeito da produtividade das diversificadas mídias na constituição dos sujeitos afirma Rosa Fischer (2001, p. 588): “[...] a mídia não apenas veicula, mas também constrói discursos e produz significados, identidades e sujeitos [...]” Vale pontuar que, segundo a referida autora, a(s) feminilidade(s) acabam por ser “reforçadas, imaginadas, dinamizadas, polemizadas, enfim, construídas na cultura.” (FISCHER, 2001, p. 591). Na atualidade, as diversas formas de veiculação da mídia fazem-se presente no cotidiano da maioria da população, visto, por exemplo, o número crescente de usuários de internet. Assim, as diversas formas da mídia “tornam-se cada vez mais essenciais em nossas experiências contemporâneas, e assumem características de produção, veiculação, consumo e usos específicos em cada lugar do mundo” (FISCHER, 2007, p. 293). Logo, é possível pensar que a mídia fomente a visibilidade de estilos, gostos e, também, de histórias de vida, ações essas que contribuem para a constituição e assimilação de discursos diversos pela sociedade. (FISCHER, 2002, p. 86):

Fabiana Marcello (2005) também considera a mídia como um espaço que produz, através da ação das linhas de subjetivação, formas de reconhecimento dos sujeitos pela aproximação e semelhança de seus comportamentos e posturas aqueles considerados como exemplo de normatividade. Sendo assim, muitas das características do “ser mulher” são descritas a partir da Biologia, como exemplifica a autora (FISCHER, 2001, p.595)

[...] a feminilidade seria “dada” por um conjunto de características originadas da condição biológica, como a do ‘mistério feminino’ (relacionado basicamente à possibilidade de ser mãe), ao mesmo tempo que por uma “necessária” disponibilidade dos corpos da menina e da mulher a se sujeitarem a técnicas disciplinares, cuidados e tratamentos, indispensáveis à conquista amorosa; [...]

No entanto, nos dias atuais, é preciso considerar que os enunciados sobre a feminilidade subjetivem as jovens a buscarem relacionamentos afetivos nos quais

sejam providas financeiramente e possam desfrutar do “luxo e da ostentação”, a exemplo da *Mc Pocachontas*.

Como pesquisadora, percebo ser importante destacar o estudo das produções culturais produzidas/consumidas pelo meio das periferias urbanas, a exemplo das músicas associadas ao *funk* ostentação, como um caminho profícuo para a análise das práticas sociais vividas pelos moradores que nelas habitam e também para compreensão dos discursos circulantes em tais espaços. Sobre o tema, também colaboram Helen Ferreira e Mauro José Costa (2010, p. 199):

A periferia não se situa mais como margem: tomou a produção de si mesma fazendo parte da cultura urbana; tem suas representações e cria visibilidade por meio de suas singularidades. Ela dita moda, faz arte, cria estilo, ameaça, incomoda, quebra barreiras, exige espaço, inventa uma cultura própria (local) [...]

Desta forma, compreendo como necessário continuar o estudo e a problematização acerca das formas que os discursos visibilizados pelas músicas escutadas por alunas produzem modos de viver a feminilidade na atualidade, pois visibilizar e problematizar os modos de ser e de viver das alunas jovens, nos tempos atuais, é possibilitar uma melhor compreensão das condições que organizam a constituição das culturas juvenis femininas. Certamente, muitos outros discursos poderiam ser aqui problematizados; não em busca de soluções mágicas e imediatas, mas sim, na busca de visibilidade para dimensões ainda pouco estudadas no que se refere à juventude feminina.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. **Vida líquida**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria. In: PRINS, Baukje; MEIJER, Irene. **Revista Estudos Feministas**, v.10, n.1, p. 155-167, 2002.

CALLEJO, Javier. **El Grupo de Discusión**: introducción a una práctica de investigación. Barcelona: Ed. Ariel, 2001.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DAYREL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**, vol.28, no. 1, p.117-136, jun. 2002.

_____. **A música entra em cena**: o funk e o rap na socialização da juventude em Belo Horizonte: São Paulo:2001. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação da Universidade São Paulo, São Paulo. 2001.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 9.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

FERREIRA, Helen Pereira; COSTA, Mauro José Sá Rego. Do local ao global: o serviço de radiodifusão comunitária e sua inserção no ciberespaço. In: SOBREIRA, Henrique Garcia (Org.). **Educação, culturas e comunicação nas periferias urbanas**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010. P. 197-210.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro (RJ), v. 12, n. 35, p. 290 -299. maio/ago. 2007.

_____. Mídia e educação da mulher: sobre modos de enunciar o feminino na TV. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis (SC), v. 9, n. 2, p. 586-599. 2001/2.

_____. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em Educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro (RJ), v. 20, p. 83-94. 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II- O uso dos prazeres**. 13 ed. São Paulo: Graal, 2009.

_____. **A ordem do discurso**. 12 ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

GARBIN, Elisabete M. Conectados por um fio: Alguns apontamentos sobre internet, culturas juvenis contemporâneas e escola. In: BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação a distância. **Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio**, 2009.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

LAURETIS, Teresa de. A Tecnologia do Gênero. Tradução de Suzana Funck. In: Hollanda, Heloisa Buarque de (org.), **Tendências e Impasses - O Feminismo como Crítica da Cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. P.206-242.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. Enunciar-se, organizar-se, controlar-se: modos de subjetivação feminina no dispositivo da maternidade. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro (RJ), v. 29, p. 139-151, 2005.

MEINERZ, Carla Beatriz. Grupos de Discussão: uma opção metodológica na pesquisa em educação. **Educação e Realidade**, v. 36, p. 485-504, 2011.

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PLATT, Damian; NEATE, Patrick. **Cultura é nossa arma: AfroReggae nas favelas do Rio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, jul./dez, p. 71-99. 1995.

WALKERDINE, Valerie. O raciocínio em tempos pós-modernos. **Educação e Realidade** v.2 n. 2. P.207-233.jul/dez, 1995.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão: aportes teóricos e metodológicos. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. P 54-66

SOBRE A ORGANIZADORA

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen: Graduada em Comunicação Social/Jornalismo (UEPG); mestre em Crítica de Mídia (UEPG). Tem 10 anos de experiência em assessoria de imprensa.

Atualmente é proprietária de agência de publicidade que presta serviços na área de marketing e comunicação empresarial.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-344-6

